

29/4/78

30 X

Meu caro Milton, grato por tua carta de 19 e pelo excelente artigo "Viagem ao Mundo Moderno". Estamos pois de acôrdo quanto ao ocaso da 'Modernidade', mas a explicação implícita no teu artigo não me entusiasma. Dizer que o Mundo Moderno é espécie de secreção de um organismo metafísico "ocidental" em oposição a outro organismo, "iberoamericidade", implica tôda uma fauna espectral, (polinesidade) bantuidade), e seria necessário um Bouffon que faça a taxonomia de tal fauna, (qual a secreção da hinduidade em comparação com o Mundo moderno etc?). Mas até explicações menos românticas do ocaso do mundo moderno não convencem, se forem "genéticas" como o é implicitamente a tu. Se digo por exemplo que o mundo moderno é produto da burguesia, por ter ela a praxis com artefatos e com dinheiro, (portanto com a mecanicidade e com um código claro e distinto de conferição), e se digo que a ciência etc. nasceram nas cidades nas quais nasceu a buguesia, (Itália do norte, França ocidental, Flandres, Inglaterra), e se desenvolveu com a burguesia, terei por certo hipótese melhor que a tua, mas ainda e sempre "historicista". Poderei explicar melhor que você porque a península ibérica e a America Latina não participam ativamente da modernidade, (como dela não participam a Europa oriental e o resto do globo): não por "contra-reforma" etc., mas por falta de burguesia desenvolvida. Poderei dizer que o clero produz escolástica por ter prática da escrita, o feudo técnicas biológicas por ter prática agropecuaria, o latifundio geometria e astronomia etc., e que a modernidade será substituída por cultura produzida por funcionários e aparatchiks os quais têm prática com aparelhos, portanto produzirão coisas como cibernética, informática e estruturalismo. Mas embora tal explicação seja menos nebulosa e perigosamente idealista quanto a tua, não é satisfatória por ser explicação pela "causa", quando o que é necessário são explicações "de dentro". Como está emergindo da modernidade a nôva forma de conhecer, vivenciar e valorar que estamos vendo? Como a típica distinção moderna entre ciência, arte e política está sendo superada? Como está mudando o comportamento dos que não mais reconhecem tal distinção e são a-científicos, a-políticos e a-artísticos por serem as três coisas em uma, (counter-culture, samizdat, maio 68, terroristas, drogas, nôva religiosidade)? Eis o que me passiona, e não o remanejamento de categorias obviamente ineptas para captar e emergir do nôvo como o são "mentalidades" tipo "latinoamericidade". -

O livro que "perdemos" te foi mandado pela Nina, e a Edith está reclamando. O livro suspeitíssimo sôbre viagens chinesas faz parte de obra gigantesca, chamada "Chinese civilisation", que vai sendo editada pelo Oriental Department da Oxford University, e o excerpto que te mandei faz parte do volume escrito por Needham, chamado "Chinese voyages and discoveries". A coisa está sendo editada desde 1956, e permita que repito o que me fascinou na coisa, (deixando problemas psicológicos tipo "ódio inconsciente" de lado):

A via da seda era o cordão umbilical de toda a humanidade exceto México e Perú desde o cobre, e tinha por coração propulsor as planícies do Huanho e Iangtse, aonde morava a maioria da humanidade. (Isto é coisa que já sabia, embora tinha tendência de sempre querer esquecê-lo.) Toda interrupção da via era catastrófica, porque as sociedades que dela dependiam se tinham especializado: China em porcelana, seda, jade, Índia em algodão, Indonésia em especiarias, e o Ocidente em aço e produtos industriais. A via era pois troca, (por exemplo Alexandre na Índia, ou Hsü-Tai na Pérsia eram troca de mercadorias, e por isto de ideias: budhismo, helenismo, cristianismo, e sobretudo islam). Pois os moguis, (turcos, tártaros, huin, mongóis ou como você quizer), romperam tal cordão umbilical da civilidade no século 11 em situação especial: florescimento tanto da China, (Sung), quanto da Índia, (ghandara), quanto do Ocidente, (califados). Coisa que não apreciamos devidamente, porque a latinidade, apêndice do califado de Córdoba, e que somos nós, estava na obscuridade. Tratava-se, para os três grandes parceiros ameaçados por Gjenhiz, por Kubla e pelos Seljuks, de restabelecer a ligação em torno da África, porque os califados não podiam existir sem porcelana, (o plástico daquele tempo), e sem especiarias, (as gacadeiras daquele tempo), e a China não podia sem aço damasceno e toledano. Mas os turcos ocuparam a China, a Índia e os califados cedo demais, de modo que a ligação em torno da África caiu em mãos dos latinos. Pois os latinos (bárbaros que eram), não tinham nada para trocar, salvo lã, e eram pouco numerosos. Precisavam pouco especiaria, e nenhuma porcelana e seda, já que os poucos civilizados entre eles, (os italianos do norte e os flamengos), não participavam de início das ditas "descobertas". Por isto substituíram o comercio por pirataria. Enquanto a troca de ideias eram de falta de curiosidade impressionante: fanáticos religiosos, obscurantistas, e rapazes de ouro em sentido mais literal do termo. Pois é a tais bárbaros que o Ocidente deve a sua supremacia sobre o resto do globo, a cooperação objetiva entre turcos e portugueses, os quais, embora subjetivamente ignorado-se mutuamente, conseguiram unir-se para destruir a humanidade civilizada por séculos, (15-17). A Modernidade da qual falamos, a da ciência, da filosofia, da politica e da arte, se desenvolveu à margem de tal barbárie, (e nisto você tem razão), e foi injetada na supremacia "branca" depois, pelos ingleses e holandeses. Pois esta é uma visão da História, e sobretudo do "White Man's Burden", que me passiona porque, embora os dados me tenham sido familiares, não tinha formado visão de conjunto. (Magalhães enquanto aliado objetivo Timur Lan). Se você esquecer por um instante a tua curiosíssima portuguezidade, como eu esqueci minha curiosíssima judeidade, estarás tão entusiasmado quanto eu pela visão da coisa. Abraços do amigo